

BOLETIM DE EUGENIA

SEPARATA DA "MEDICAMENTA"

REVISTA PARA MEDICOS E PHARMACEUTICOS

PUBLICAÇÃO OFFICIAL DA
COM. CENTR. BRAS. DE EUGENIA
Assig. annual do Boletim avulso 5\$000
Caixa Postal 2926 - Rio de Janeiro - Brasil

MAIO DE 1931
ANNO III N. 29

DIRECÇÃO E REDACÇÃO
DR. RENATO KEHL
R. Smith Vasconcellos, 63 (Aguas Ferreas)
Caixa Postal 2926 — Rio de Janeiro

SEREI UM INDIVIDUO NORMAL ?

Quantas pessoas fazem intimamente esta pergunta: — "Serei um individuo normal?" E a pergunta tem toda a razão de ser, tal a frequencia do emprego que se dá, actualmente, aos termos anormal, degenerado e psychopatha.

Muitos ficam, pois, na duvida quanto ao seu estado.

Existem varios trabalhos sobre o assumpto, escriptos por cientistas preocupados em estabelecer um typo padrão que sirva de termo de comparação. Alguns estudaram a normalidade morphologica, outros a psychologica, e outros ambas, ou somato-psychica. Um dos trabalhos mais conhecidos é o "Homem normal" de Quételet, já antigo, porém considerado classico. A questão é muito difficil e complexa, muito mais difficil de resolver do que foi estabelecer o metro para unidade basica do systema metrico decimal.

O homem normal não pôde ser simplesmente um typo convencionado, mas um individuo que apresente, de facto, taes caracteres somaticos e psychicos que, bem avaliados e cotejados, façam-no em condições de ser collocado na média (M) de uma curva de variação.

Será para isso necessario conhecer a variedade dos seus caracteres, quer do ponto de vista individual, quer do de uma dada população, para definir a sua normalidade dentro da referida collectividade. Imagine-se estabelecer a média da altura, do peso, da capacidade thoracica, etc., e, ao mesmo tempo, a média das suas condições physiologicas, psychologicas e mentaes, tendo em conta temperamento e constituição!

Os individuos, na sua totalidade, são variações. Ter-se-á de analysar e classificar taes variações para encontrar a média (M) ou o homem médio normal.

Um individuo pôde apresentar um ou mais caracteres anormaes, tendo todos os demais regulares, como se verifica, via de regra, sendo por isso passivel de uma classificação favoravel na tabella da normalidade.

Homem normal absoluto é rarissimo ou mesmo não existe. Nestas condições, temos de

aceitar, como tal, o homem: 1.º — cujos órgãos se apresentem tão bem construidos que nossos conhecimentos e experiencias nada revelem de irregular; 2.º — cujos órgãos funcio nem com tal harmonia que nada apparentem de estranho no seu trabalho; 3.º — cuja vida psychica e mental esteja em permanente estado de equilibrio, sem quaesquer elevações ou descaidas nas suas manifestações.

Não é, pois, facil estabelecer, com rigor absoluto, os limites desta normalidade ideal, taes as gradações existentes, na realidade, entre os caracteres apresentados pela maioria dos nossos semelhantes.

Acceitemos, por isso, um typo médio nas condições acima, isto é, com todas as propriedades e funções normaes para servir de partida de uma linha M, collocando, parallelamente, tantas linhas acima e outras abaixo, conforme as variações favoraveis ou desfavoraveis que apresentem. Segundo Bauer temos uma série de homens normaes acima das variantes extremas isoladas e estas acima tambem das variantes extremas collectivas. Tomando as variantes extremas collectivas como constituições anormaes, não nos é difficil comprehender que entre ellas e as variantes extremas isoladas não ha limites precisos.

Todo individuo, pois, que se afastar do typo médio, para baixo da linha M (depreciação) pôde-se considerar como degenerado; e todo aquelle que se afastar do typo médio para cima, (valorização) pôde-se considerar normal superior.

Não é vantagem, pois, segundo a tabella de normalidade de Galton, ser um individuo normal, collocado na linha M (média). Convém ser normal superior, variante superior do typo médio.

Mais da metade dos homens collocam-se nas classes mediocres, isto é, metade numa linha acima e a outra metade numa linha abaixo: o resto distribue-se em séries gradativas entre as linhas respectivamente acima e abaixo. Apenas 0,35% alcança o gráo mais elevado da normalidade superior e 0,35% o mais baixo gráo de degeneração.

RENATO KEHL

O EUGENISMO DAS ELITES

(FRAGMENTO DE CAPITULO)

Dizia Saint-Simon: — "Se la France perdait subitement ses cinquante premiers savants, ses cinquante premiers artistes, ses cinquante premiers fabricants, ses cinquante premiers cultivateurs, la nation deviendrait un corps sans ame, elle serait décapitée".

Realmente, um povo não é grande propriamente pelo volume da sua massa social — e, sim, pela sua elite de eugenicos. Os duzentos milhões de hindus que repullulam na planicie do Ganges não valem o pequeno punhado de ingleses, que os domina e governa.

E preciso, comtudo, não confundir classes superiores com o contingente dos elementos eugenicos existentes na massa social. Estes são encontrados em todas as camadas, embora em proporções diferentes. Dada, porém, a sua natural capacidade ascencional, elles tendem a ascender ás camadas superiores. Dahi o serem estas camadas o campo natural de concentração dos elementos eugenicos, no logar onde elles são encontrados em maior numero.

Seria illusão, porém, supôr que todos os elementos componentes das camadas superiores sejam eugenicos. O facto de fazer parte da elite não indica por si só a posse de uma intelligencia de elite e de um character de elite. Nas camadas superiores e dirigentes, ao lado de um pequeno numero de individualidades eugenicis, ha um grande numero de personalidades secundarias e, mesmo, um certo numero de individualidades nullas, ali collocadas pelos accidentes da riqueza, do nascimento ou da sorte.

Na classe propriamente politica, este facto é frequentissimo. Em regra geral, os elementos que della fazem parte, ahi estão sem nenhum titulo marcante.

Por isso mesmo, os individuos superiores — do padrão lapougeano ou galtoneano — constituem ali uma parcella infinitesimal. Dahi os escrupulos de Galton em tomar, como criterio de superioridade individual, a posição politica.

Uma alta posição politica tanto pôde caber a um homem realmente superior, como a uma personalidade mediana, como a um individuo nullo. Nos paizes, como o nosso, em que a politica não tem, em geral, nenhum objectivo superior, e é apenas, como define Nabuco, "uma triste luta por ordenados", o indice eugenistico da classe politica é pequeno; de modo que, sob este aspecto, o facto de ser deputado, senador ou ministro, não quer dizer grande coisa.

Os centros mais legitimos do nosso eugenismo devem ser procurados em outras classes: na elite das letras, das artes, das sciencias, da grande industria, da grande propriedade e do alto commercio.

E' realmente nessas classes sociaes, mais do que na classe politica, que os typos eugenicos são mais frequentemente encontrados. O seu logar social é exactamente ali, porque, como já observamos, todo eugenico tende a imprimir á sua actividade uma diretriz ascencional.

Ha, comtudo, eugenicos nas camadas médias e,

mesmo, embora mais raramente, nas camadas inferiores. Estas são, realmente, muito pouco ricas de eugenismo, porque representam o residuo de uma selecção, pois todos os elementos eugenicos, que nellas se formam, ascendem ou estão em via de ascender ás primeiras camadas.

O campo mais rico de possibilidades eugenicis parece ser, entretanto, a classe média (no sentido europeu da expressão). Della, segundo Ostwald, é que têm sahido quasi todos os grandes homens de sciencia. Das classes aristocraticas tem vindo apenas um pequeno numero delles. Das classes inferiores, por assim dizer, nenhum. Vindo do povo, Ostwald só encontra um nome: **Faraday**.

Esta menor fertilidade eugenistica das camadas inferiores é um facto constatado pelos observadores contemporaneos. Explica-se pela maior abundancia nellas de elementos do typo L, de Key: — "Os vastos slums existentes no mundo — diz Wiggam — são habitados por gerações, que ali estão desde ha seculos, isto é, por gerações hereditariamente destituidas de attributos eugenicos (poor heredity). E' o que Davenport verificou para os slums australianos e Marshall para a plebe rural ingleza.

Os calculos de Woods para a America são igualmente confirmativos desta inferioridade eugenistica das camadas populares: ao passo que Galton encontrou para certos grupos aristocraticos um indice eugenistico de cerca de 12%, Woods achou que ha uma proporção de um homem eminente para 4.000 individuos do povo, ou seja, um indice eugenistico de 0,03% para as classes inferiores. E' que, nestas classes, as combinações hereditarias, que se realizam mais frequentemente, são do typo L x L ou L x M, de Key. Portanto, pouco fecundas em possibilidades eugenicis.

Nas classes médias ou aristocraticas, como são os logares de accumulção dos eugenicos, as combinações se perfazem geralmente sob a formula M x M, ou M x H ou mesmo H x H; dahi a sua maior fecundidade em individualidades eugenicis. E' verdade que Ostwald assignala um menor indice eugenistico nas camadas aristocraticas; mas, é isto um facto puramente apparente; não indica, de modo algum, pobreza eugenistica: resulta apenas de que o indice de natalidade é sempre menor nas classes superiores.

Em nosso povo, os maiores indices eugenicis devemos encontrar nas classes superiores, já organizadas, dos campos e das cidades, principalmente das grandes cidades do littoral e do centro. Nas classes populares urbanas, esse indice deve ser baixo; mas, muito baixo deve ser na plebe rural, principalmente na plebe dos nossos sertões septentrionaes, onde a tendencia migradora dos sertanejos mais activos e ambiciosos (cap. XXIII) elimina della tudo o que ha de mais rico em eugenismo.

Em summa, são as camadas superiores da sociedade — as que têm o encargo da direcção geral das actividades economicas, das actividades intellectuaes e das actividades politicas — o campo principal de concentração dos elementos eugenicos, gerados pelas matrizes ethnicas do povo. OLIVEIRA VIANNA

CRIME E DEBILIDADE MENTAL

Um juiz de Detroit enviou 100 criminosos a uma clinica psychopathica para exame mental. Apenas tres deixaram de manifestar deficiencias mentaes essenciaes. Dois eram claramente dementes, 33 debeis mentaes, 25 eram dotados de intelligencia inferior, e os outros 37 manifestaram desvios da personalidade que difficultavam a adaptação social. Delles, 71 foram enviados a instituições penaes, 2 a hospícios de alienados, 15 dados com alta condicional, a alguns dos "dubiosos" foi concedida liberdade condicional e outros enviados ao carcere.

De 15.000 criminosos estudados, em laboratorios psychiatricos e psychologicos e que se acham em alguns presídios americanos, 25% são debeis mentaes, 35% psychopaths e 5% soffriam de outros efeitos mentaes.

Segundo estudos feitos, oficialmente, na America do Norte calcula-se que existem 5 debeis mentaes para cada 1.000 habitantes, correspondendo pelo menos 500.000 debeis mentaes em todo o paiz.

Só mesmo um serio programma de prophylaxia da procriação poderá reduzir, progressivamente, essa avalanche de infelizes, que constitue grave perigo para a comunidade.

Tomando por base a estatistica americana, de 5 debeis mentaes para cada 1.000 habitantes, calculamos que existem, no Brasil, cerca de 200.000 individuos nessas condições de inferioridade.

A educação dos sentimentos politicos e a Eugenia

(Por MACROBIO)

Quarenta annos de republica poderiam ter-nos dado ao menos um pouco de instrucção elemental homogenea, da qual pudesse nascer uma certa uniformidade nos sentimentos politicos brasileiros.

O novo regimen falhou, entretanto, não só nesse campo da educação civica, mas tambem no da instrucção technica, scientifica e philosophica.

Fazendo o balanço da cultura dos nossos patrios da elite social, não já pelo que delles se ouve — que é a perfeita confusão — mas pelo que elles escrevem, apura-se um resultado desolador.

Ao lado da falta de interesse official pela instrucção, no seu sentido pratico, tivemos a falta de um sociologo, de um naturalista, de um mathematico, de um financista, que houvessem escripto obras de vulgarização scientifica.

Apparecem nos jornaes artigos sobre themas sociologicos, sobre themas economicos, financeiros, biologicos, etc., para serem lidos por um povo sem base de conhecimentos para os comprehender, aproveitar ou criticar. O povo julga, por isso, que a scien-

cia é uma confusão, e, no seu bom senso, repelle as theorias. Tem toda a razão de assim proceder. O Brasil tem tido, talvez, nos diversos ramos dos conhecimentos humanos, bons scientists, mas não teve ainda o professor secundario e superior, porque, a dizer a verdade, a maior falha da organização da cultura brasileira é a desse professorado. Com raras excepções, todos os professores ensinam um resumo geral e arido da evolução das materias do seu curso. Ou, talvez, nem bem isso, mas apenas uma nomenclatura historica das diversas doutrinas, sem entrar nos verdadeiros fundamentos scientificos. E nem siquer publicam obras elementares ou de iniciação. Dahi, a incultura geral. E depois, censuram os literatos que o povo os não leia. O povo só lê, como em toda a parte, aquillo que póde comprehender, ou que o possa interessar. O brasileiro quasi que só comprehende anedotas e eis a razão do grande successo destes livros. Nem mesmo os de literatura romantica fazem o successo que se podia esperar do volume de nossa população, porque não offerecem attractivo scientifico ou artistico. Em todos nota-se, com infinitesimae excepções, uma profunda vazio de acuidade philosophica. Na imprensa, o mesmo defeito.

Ha pouco, esteve em moda commentar os trabalhos de Einstein. O grande sabio allemão visitou o Brasil, mas o povo brasileiro não tirou disso o menor proveito cultural. Porque nem mesmo as classes cultas conhecem necessariamente a physica e a alta mathematica. As poucas pessoas que fazem excepção á regra, não se deram a um trabalho de divulgação. Não appareceu nosso Henri Poincaré, nem o nosso Gustavo Mic, nem o nosso abbade Moreux.

Tambem estiveram na ordem do dia os trabalhos de Freud, que foram traduzidos para o hespanhol. Entre nós não appareceu traductor. Como obra de vulgarização apenas surgiu o "Pan-Sexualismo", do Dr. Franco da Rocha, agora em segunda edição. As theorias de Freud, todavia, interessam mais a classe medica e juridica do que o povo, mas os seus fundamentos geraes já são indispensaveis a todos os que exercem o magisterio. Entretanto, Freud tem, entre nós, uma popularidade inferior á de Oswaldo Aranha.

Visitou-nos tambem um grande philosopho, o Conde Keyserling. Suas obras foram procuradas na occasião, porque era chic conhecel-as. As traducções hespanholas tiveram então grande sahida. Da passagem de Keyserling e da leitura de suas obras, nenhum resultado pratico appareceu. Pouca gente, mesmo letrada, sabe quem elle é e em que consiste a sua philosophia.

Temos uma academia brasileira de letras, cujos literatos não passam de mediocres romancistas, poetas ou grammaticos. Nella se encontram medicos, bachareis em direito, engenheiros, etc., cuja presença alli se justifica por haverem se dedicado a escrever poesias e novellas. Pouco tem concorrido esse gremio para a cultura nacional. Dalli não sahiu ainda nenhum trabalho didactico sobre sciencia nenhuma.

No campo da sociologia, pouca coisa tem appa-

recido. Actualmente os jornaes chamam a Oliveira Vianna o maior sociologo brasileiro e, nessa conta, o illustre professor da Faculdade de Direito de Nitherooy ainda é tido por muita gente. Oliveira Vianna é, de facto um grande escriptor e um grande commentador de assumptos sociologicos. Sua cultura limita-se, porém, ao terreno menos positivo da sociologia. São seus pontos de vista, especialmente os que incidem sobre os problemas politicos, susceptiveis de contestação. Manda a justiça, entretanto, que se colloque Oliveira Vianna em logar de honra na literatura brasileira, porque ao menos é um dos raros homens que têm comprehendido a sua funcção intellectual e divulgado os seus conhecimentos em linguagem attrahente.

O Brasil é um paiz sem homogeneidade de cultura, de sentimentos, e de typo racial. Applicar nelle a politica de centralização de poderes, como preconiza Oliveira Vianna, parece-nos um erro. Os problemas economicos, sociaes e politicos divergem de Estado para Estado. Os habitos, a educação, e a cultura de um são ás vezes, completamente diferentes dos habitos, da educação e da cultura de outro. Faltando-nos, pois, uniformidade de educação civica, scientifica e moral, não se póde mais admittir para o Brasil nem mesmo o regimen federativo, a menos que elle autorize uma completa autonomia no exercicio das funcções publicas, como se cada Estado fosse uma nação diferente. A União, deve ser apenas um laço politico, um compromisso de solidariedade defensiva e nada mais. E sobre essa colcha de retalhos, cultural, moral e civica, as elites intellectuaes devem agir no sentido de uma approximação, de uma homogenização educativa, afim de se poder estabelecer para o futuro a integração que ora é precaria e ficticia. O que faz uma nação não são laços politicos, mas laços culturaes, moraes e raciaes.

Ao proclamar a republica o Brasil era uma paiz de provincias mais ou menos unidas, como disse Eduardo Prado. Para conserval-o na sua integridade teria sido preciso um trabalho de intensa approximação, pela educação dos sentimentos politicos. Esse trabalho não foi feito: de modo que, ao cabo de 40 annos, a consequencia não podia ser outra: São Paulo, o unico centro nacionalista da União, o "unico Estado em que os demais brasileiros podem ser desde varredor de rua até presidente do Estado", como disse Amadeu Amaral, apontado como causador do atraso dos demais Estados que são centros de bairrismo obsecado e doentio.

Se tivesse havido uma "standardização" educativa no Brasil, sob o ponto de vista moral, politico e economico, poderiamos ser uma familia só, e, consequentemente, uma nação. Mas este laço de affinidade mental só existe entre alguns Estados mais cultos e isso mesmo com precaria consistencia.

Luiz Lagarrigue, sociologo chileno, explicando sociologia elemental aos seus patricios, dizia: "Para evitar los desordenes nacionales e internacionales, és necesario modificar convenientemente las pasiones

y las opiniones populares. Esta acción educativa debe iniciar-se en la instrucción primaria para inspirar, sentimientos e inculcar opiniones que favorezcam el orden social. Essa educación rudimentaria puede ampliar-se durante la conscripción militar, en la cual la major parte de la juventud, sea en el ejercito, sea en la marina, recibe su preparacion militar".

Ora, ahi está um trabalho que no Brasil nunca se fez. Nem os governos, nem os particulares se preocuparam jamais, num sentido efficiente, de crear uma mentalidade brasileira. O resultado ahi está: o Brasil tem uma mentalidade amazonica, uma mentalidade nordestina, uma mentalidade mineira, uma mentalidade paulista e uma mentalidade gaucha. Todas ellas antagonicas, ferozmente egoisticas, absolutamente inconciliaveis no momento, mas susceptiveis de uma fusão futura, graças a alguns pontos de affinidade, uma vez que sejam trabalhadas por uma larga elaboração educativa.

TERCEIRO CONGRESSO INTERNACIONAL DE EUGENIA

Acha-se definitivamente estabelecido, pela Mesa Directora do Terceiro Congresso Internacional de Eugenia, que este certamen, promovido pela Federação Internacional das Organizações Eugenicas de Londres, seja realizado em Nova-York, do dia 21 a 23 de Agosto de 1932, na Séde do Museu Americano de Historia Natural.

Figura como presidente do Congresso o celebre biologista americano Dr. Charles B. Davenport, director da Estação Eugenic de Cold Spring Harbour, Long Island, N.Y. Como presidentes honorarios, foram designados os sabios naturalistas Leonardo Darwin, filho do grande sabio C. Darwin, e o paleontologo Henry Fairfield Osborn.

Entre os vice-presidentes contam-se as seguintes personalidades: Victor Delfino, da Argentina; H. Reichel, da Austria; A. Govaertz, da Belgica; R. Ramos y Delgado, de Cuba; V. Ruzicka, da Tchecoslovaquia; Soren Hansen, da Dinamarca; A. Iams, da Estonia; Harry Federly da Finlandia; Georges Schreiber, da França; Alfred Ploetz, da Allemanha; Sir Bernard Mallet, da Inglaterra; Conrado Gini, da Italia; M. Van Herwerden, da Dinamarca; Jon Alfred Mijoen, da Noruega; Léon Vernik, da Polonia; U. K. Koltzoff, da Russia; H. B. Falthan, da Africa; H. Lundborg, da Suecia; O. Schlaginhaufen, da Suissa; Irving Fisher, dos Estados Unidos.

O Thesoureiro será o Snr. Frederick Osborn e o Secretario Geral, o Dr. Harry H. Laughlin, illustre experimentador de Cold Spring Harbour.

Este Congresso que é o terceiro da série, sendo que o primeiro e o segundo se reuniram em Londres e em N. Y., promette ser superior aos outros anteriores, a julgar pela importancia das reuniões a effectuar-se, pela concurrencia de tantos sabios e pelos trabalhos recebidos de toda parte do mundo.